



Início > Bem viver > Cultura

POVOS INDÍGENAS

Museu Indígena Pataxó reabre após mais de cinco anos fechado no extremo sul da Bahia

Exposição de abertura conta com curadoria de Arissana Pataxó e Oiti Pataxó

19.FEV.2024 ÀS 15H57

SALVADOR (BA)

GABRIELA AMORIM



Após mais de cinco anos fechado, o Museu Indígena **Pataxó** da **Aldeia Coroa Vermelha** foi reaberto ao público em janeiro deste ano. Nesta reinauguração foi montada uma mostra temporária com curadoria dos artistas Arissana Pataxó e Oiti Pataxó.

A exposição “**Ābakohay ūg kahab: memória e viver Pataxó**” reúne artes variadas produzidas pelo **povo Pataxó**, desde utensílios de uso diário a vestimentas e adereços tradicionais. Arissana Pataxó explica que o visitante também terá acesso a um pequeno acervo de livros produzidos por professores indígenas Pataxó nos últimos 20 anos.

“Esse acervo demonstra a luta árdua das comunidades por uma educação escolar indígena que valorizasse e fortalecesse a cultura Pataxó. Através de documentos, jornais e cartas expostas é possível conhecer um pouco das mobilizações frente às armadilhas governamentais às lideranças e aos territórios tradicionais no extremo sul da Bahia”, conta a curadora da mostra.

Arissana Pataxó, uma das curadoras da mostra temporária, também participa da pesquisa do acervo permanente do museu / Divulgação

Ela destaca ainda que a reabertura do espaço representa mais do que um novo espaço turístico na região. “Acredito que a importância não está somente em abrir um museu, mas criar um espaço em que a memória e a vida do povo Pataxó de alguma forma seja apresentada a partir do olhar do próprio povo”, diz.

Especulação e turismo predatório

fazer artísticos, há também uma luta árdua para nos mantermos enquanto um povo, uma nação frente a todo processo de colonização que se instalou primeiramente aqui nesse território e é perpetuado através do racismo ambiental”, acrescenta.

Dentre os episódios de racismo ambiental apontados por Arissana está a **especulação imobiliária** que se instalou em toda a região por conta do turismo. A relação entre turismo predatório e especulação imobiliária, aliás, marcam a história do próprio museu.

Abandonado pelo Estado, museu foi mantido aberto pela comunidade até 2018 e reaberto em

governos federal e estadual para impulsionar o turismo de massa na do “Descobrimento do Brasil”. Em 2000, foi feita uma grande celebração deste “descobrimento”.

Logo depois, o museu foi progressivamente abandonado pelas autoridades responsáveis, sem um planejamento e investimentos para sua manutenção a longo prazo. Foi a própria comunidade que o manteve funcionando até 2018, mas os diversos problemas na estrutura do edifício inviabilizaram a continuidade do projeto.

A partir 2021, a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) passa a participar do projeto de reabertura do museu, efetivado este ano, atuando nos diálogos para a restauração das estruturas físicas do museu, construção do regimento e proposta de construção do acervo permanente. Arissana explica que a universidade também pretende iniciar um projeto de pesquisa para colaborar na montagem do acervo permanente do museu juntamente com a comunidade.

Para conseguir reabrir o museu ainda neste verão, foi montada essa mostra temporária, enquanto o trabalho de pesquisa do acervo permanente segue sendo feito. Arrissana Pataxó destaca a importância dos curadores indígenas para a realização de uma exposição em diálogo com a comunidade.

“Foram três meses de trabalho intenso e pouco recurso, que só foi possível por conta da doação de muitos Pataxó, seja na mão de obra ajudando quanto na oferta de suas artes como foi o caso de muitos como Dito, Kapimbará, Do Reis, Seu Zé, Dona Ana dentre outros. Janaron que fez uma belíssima pintura mural em uma das paredes no interior do Museu”, conta.

Oiti Pataxó, ceramista, escultor e pesquisador da arte e da estética Pataxó / Divulgação

Curadores

Arissana Pataxó é artista visual de importante produção. Formada em Artes Plásticas na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestre em Estudos Étnicos e Africanos, realizou sua primeira mostra individual em 2007, no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA.

Dentre as diversas mostras que fez parte estão o I Salão de Arte Indígena na Bahia, a Mostra de Cinema em Ouro Preto e a exposição coletiva “Pimeässä en

a artista dá aula de arte e Patxohã (idioma Pataxó) no Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha.

Oiti Pataxó tem graduação em Licenciatura Intercultural Indígena pelo Instituto Federal da Bahia e é mestre em Relações Étnico Raciais pela UFSB. Também é ilustrador, ceramista e escultor.

Editado por: Alfredo Portugal

Tags: direitos sociais e econômicos

BdF | Newsletter

Escolha as listas que deseja assinar*

CADASTRAR

Li e concordo com os [termos de uso e política de privacidade](#).

VEJA MAIS

MULTILATERALISMO

O que esperar do próximo Fórum Celac-China e da visita de Lula a Pequim

Brasil pode zerar emissões até 2040, diz Carlos Nobre

AMPLIAR O CONGRESSO?

Dos 12 deputados da Paraíba, só um votou contra projeto que amplia número de cadeiras na Câmara dos Deputados

FALTA DE SEGURANÇA

Morte de passageiro em metrô é resultado da privatização da Linha 5-Lilás, diz presidenta do Sindicato dos Metroviários de SP

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Festa de Dia das Mães da Economia Solidária acontece neste sábado (10), em Curitiba

QUEM SOMOS

PUBLICIDADE

CONTATO

NEWSLETTERS

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

